V E R R I D E

(Continuação da página 10)

Nela se lê o seguinte: C. OE. M. Eq. qu. abb. ins. In. Mallai Dic. VER. IDE. EX hoc svbb. loc. Ivgvl. Per. Vir. Grat. Vid. Rediv. S. t. t. l.

Não se entende esta inscrição, além de se achar evidentemente incompleta, pois lhe falta pelo menos. a primeira linha — D. M. S. — e a penultima — H. S. E. — que tal era a formula de todas as inscrições sepulcrais e esta é incontestávelmente, uma delas e é incompreensivel também por ter todas as palavras em breve.

VER e IDE serão duas abreviaturas que poderão significar outra coisa?

A sua matriz é antiquissima mas a sua principal reforma data do século XVI e foi feita pelos seus padroeiros os cruzeos de Sta. Cruz. E' um magnifico templo restaurado em 1862 época em que fôram levantadas as paredes do côrpo da igreja e o seu tecto estucado e em 1882 fôram alteadas as paredes da sua capela-mór procedendo-se à sua estucagem e escaiolagem. Tem esta igreja dois magnificos e ajardinados adros que são resguardados por um elegante gradeamento de ferro e que pertencem o do N. à confraria do Santissimo e o do S. à Junta da Freguesia.

Tem esta igreja as seguintes capelas:

A de N. S.ª dos Remédios mandada construir pelo dr. Manuel Pinto da Silva e sua mulher D. Paula Martins Pereira.

A do S. S. Sacramento mandada construir por esta confraria em 1543 e restaurada há poucos anos.

A das Bemditas Almas mandada construir ou reformar em 1667 por ignorado devoto.

Possue ainda Verride várias ermidas' sendo a principal a

Ermida de S. Sebastião a E. da vila e onde se venerava uma imagem do mesmo santo e que media 1,5 de altura. Desta capela se desconheceu sempre quem seria o seu fundador e um pavoroso incêndio a destruiu há meia década de anos sendo reconstruida de novo a expensas de devotos.

A Ermida de S. Pedro ao S. da vila está situada no moderno bairro da Enchida junto à estrada que se dirige a Vila Nova da Barca. Foi esta capela fundada pelo Reverendo Dr. João Rodrigues Pinto d'Abrunheira em 1624 sendo nela instituida pelo seu próprio fundador que morreu em 1625 uma irmandade de clérigos. O primeiro orago desta capela foi S. Payo que depois se mudou para S. Pedro.

A Ermida do Senhor Jesus do Adro que fica à entrada N. da vila vindo da estação do caminho de ferro e construida por ignorado fundador, se o seu aspecto exterior é sofrivel, o seu aspecto interior não pode ser mais desolador, servindo actualmente para os ensaios musicais da filarmónica.

A Ermida da S.ª do Rosário que fica mesmo no centro da vila e não se sabendo ao certo por quem foi mandada construiu, já existia, em 1567 e era pertença de um hospital que havia na vila denominado «Hospital do Nome de Jesus» e servia esta vasta capela para nela se fazerem os enterramentos antes de se edificar o cemitério.

A Ermida de S.º António e que fica na quinta do Cardal que foi pertença da familia do conde de Macedo, e hoje da familia Barbosa e por aquêle mandada erigir junto do seu solar e embora tenha acesso para a via pública é contudo capela particular.

A Ermida de N. S.ª da Assunção dentro do antigo convento d'Almeára, hoje transformado em residência, celeiro e adega da família Barbosa, foi fundada pelos cónegos regrantes de Sta. Cruz no seculo XV a quem êste convento pertencia e em redor da qual há uma vastissima quinta na qual se ostentam magnificos ajardinamentos com ensombradas alamedas de corpolentos buxos arboreos que num requintado bom gosto de aprimorado tratamento tanto concorreram para a sua formosura.

Nasce nos arredores da vila (no Brulho) explendidas águas minerais quási desconhecidas dos habitantes do País apesar das enormes curas que elas têm proporcionado. São estas águas principalmente indicadas para a cura do reumatismo e nas doenças da pele e do estômago a que ainda assim muita gente enferma recorre encontrando bastantes alivios nos seus padecimentos.

Possue ainda esta vila magnificos jazigos de carbonato de cal dos quais saem explendidas cantarias que aqui trabalhadas têm creado umas bôas dezenas de artistas.

Tem uma feira quinzenal aos domingos que foi estabelecida em 1899 no lindo bairro da Enchida e é terra muito farta e produtiva abundando a cultura do trigo e do vinho e do azeite.

A sua estação do caminho de ferro que lhe fica à distância de meio quilómetro foi construida em 1891 data em que foi inaugurado o ramal da Amieira.

S. Silvestre, Setembro de 1935

Amandio da Cunha

Movimento da estação ferroviária

Mercê da cativante gentileza de sua Ex.ª o Sr. Director da C. P., podemos reproduzir o movimento da estação de Verride, em passageiros e em mercadorias, desde 1889 até 1934.

Passageiros, saídos, com execpção dos anos de 1890 e 1891, por falta de elementos, 855.191.

Passageiros, chegados, de 1899 a 1934, com execpção dos anos anteriores a 1899, 1.046.751 ton..

Mercadorias expedidas, de 1889 a 1934, com execpção de 1890 e 1891, 52.663 ton..

Mercadorias chegadas, de 1899 a 1934, não incluindo os anos anteriores, a 1899, por falta de elementos 17.005 ton..

Montemór-o-Velho

Sua história e tradições

(Continuado da página 5)

tido, como marquês da vila, em 1472, D. João de Portugal, segundo filho do marquês de Vila Viçosa; ter tido, como alcaide-mór, D. João de Menezes (o Picacino), terceiro filho de D. João Tello de Menezes, senhor de Cantanhede e de D. Leonor da Silva, filha de Ayres da Silva, senhor de Vagos.

Perante a História, é muito. Em face, porém, da necessidade de alargar e fazer proliferar o bem-estar colectivo, é pouco.

Para demonstrar a indolência, o comodismo do pôvo da vila de Montemór-o-Velho, citaremos mais que até os próprios hospitais, obras de caridade, o pôvo deixou perder.

De quatro instituições para pobres e doentes, que teve, tem, hoje, apenas um!

Possuiu o hospital de *Santa Maria Madalena*, para solteiras honradas; de S. Pedro, para casadas virtuosas; de *Santa Marta*, para lázaros e o de *Nossa Senhora de Campos*, único existente.

Com os hospitais sucedeu o mesmo que com os baldios.

Estes, fôram usurpados pelos proprietários confinantes; aquêles, pelos *saques* dos directores, quando os rendimentos dos hospitais eram constituidos por propriedades.

Note-se, bem, que estamos falando do passado.

E se alguem tiver dúvidas sôbre os *saques* (hoje diz-se roubos), que os directores fizeram ás casas de caridade, vá consultar o livro *tomo*, em que essas propriedades estavam descritas, livro de pergaminho, que êle ainda hoje se encontra no hospital de Nossa Senhora de Campos, com fôlhas raspadas, umas; e outras fôlhas sujas, actos que serviram para apagar descrições de propriedades, de que os directores da confraria se apoderaram.

Até a Quinta de Santa Eufémia, dos Viscondes da Baía, hoje pertença da familia do dr. José de Almeida Ferreira Galvão, foi comprada, em 1 de Março de 1782, pelo dr. José de Seabra da Silva, pela ridicula importância de três contos!

E o pôvo, ao ver, ao presenciar tudo isto, ficou-se, sempre a dormir, sempre a sonhar, embalado pelas águas sussurrantes do Mondego, capa de tantas lágrimas, tantos suspiros e tantos crimes de lesa-Pátria!...

A. J.

Farmácia Brandão
TENTUGAL
Produtos quimicos e farmaceuticos perfumarias
Manipulação cuidadosa de todo o receituário
Gerente técnico:
Eugenio Brandão Pereira de Melo

ABRUNHEIRA

RIDENTE E PROSPERA

As privilegiadas condições naturais da Abrunheira, os seus recursos agricolas e o seu comércio, deram sempre, através dos tempos, alento a esta terra, evitando a sua decadencia como aconteceu a muitas outras que se deixaram vencer por falta desses elementos. E tanto assim, que na divisão territorial de 1836, foram extintos os concelhos de Verride, Samuel e Urmar, formando-se de todos um só com sua Séde na Abrunheira. E' certo que foi sol de pouca dura, porque oito anos depois, em 1844, por decretos de 7 de Outubro e 5 de Novembro, era o concelho transferido para Verride. Mais tarde foi a povoação integrada nas freguesias de Reveles e de Verride, e assim esteve nessa dependencia até que em 8 de Março de 1928 foi proclamada a sua autonomia pelo Decreto n.º 15.133 que extinguiu a freguesia de Reveles e criou a de Abrunheira, anexando-lhe parte da de Verride e os lugares de Reveles, Carril e Presalves.

População

A freguesia tem 400 fogos e 1.500 habitantes, assim distribuidos:

Abrunheira — 250 fogos e 900 habitantes, dos quais 350 varões e 550 fêmeas.

Reveles, Carril e Presalves — 150 fogos e 600 habitantes, sendo 275 varões e 325 fêmeas.

Melhoramentos

Entre os melhoramentos ultimamente aqui verificados, quaisi todos da iniciativa particular, avultam: a escola primária do sexo masculino, a nova igreja, o edificio da Caixa e a estrada do apeadeiro.

— A Igreja, duma grande sobriedade de linhas, é um templo elegante e magnifico que domina em redor uma vasta zôna onde a vista se perde... E' a demonstração duma grande força de vontade, dos recursos dos abrunheirenses e dos seus sentimentos católicos. Vale a pena ser visitada. Do adro desfructam-se soberbos panoramas, de largos horizontes, que a Natureza nos oferece num cenário maravilhoso.

— A Escola foi também construída a expensas do pôvo. E' um amplo edificio com todas as condições higienicas e provido de material didactico do mais moderno. Pena é que não tenha retretes nem recinto vedado para recreio, dando essa falta lugar a que os rapases, nos seus jogos, se sirvam da rua, e escolham, para urinol, o muro junto á escola, oferecendo um espectaculo indecoroso e desmoralisador.

Vae este nosso reparo a quem de direito, na esperança de que sejam dadas providencias.

— Relativamente ao edificio da Caixa, — é uma construção sólida, elegante e espaçosa. A sua arquitectura obedece ao estilo antigo.

— A nova estrada que conduz ao apeadeiro de Reveles-Abrunheira, é mais um factor de progresso. Torna-se porém, indispensável a sua urgente macdamisação para não se perder o que está feito.

* * *

A Junta de Freguesia e a Câmara Municipal têm também produzido aqui obra util, quer na reparação de caminhos, como na limpeza das fontes e na reconstrução do lavadouro.

Mas muito há ainda a fazer. Aponto, ao acaso, a construção dum marco fontenário em sítio central; a regularização de algumas ruas e o embelezamento do largo da fonte do Vale que, tal como se encontra, impressiona desagradavelmente a quem entra na povoação por aquele lado. Tudo se pode conseguir com um pouco de bôa vontade e persistência.

* * *

Na rúbrica «aspirações» figura a ligação telefónica com a sede do concelho, e ainda outra do apeadeiro de Rereles a B. de Lares. É manifesta a sua utilidade.

Luz eléctrica

Está prestes a inaugurar-se a luz eléctrica na Abrunheira.

Obra de vulto, pode considerar-se o mais importante melhoramento dos últimos tempos levado a efeito pela Câmara Municipal. Vê-se que o nosso Municipio, eléctrificando todo o concelho, não assiste indiferente ao ressurgimento nacional, e assim marca também o seu lugar ao lado dos concelhos que progridem, animado dum forte espírito regionalista sob o influxo do Govêrno de Salazar.

Abrunheira, 22/8/935.

Ernesto da Costa Coelho

Antonio Francisco Guardado
ABRUNHEIRA
Estabelecimento de Mercearias, Vinhos, Tabacos e Fasendas
Vendas por junto e a retalho, de cereaes

JOAQUIM DE SOUSA CARVALHO
ABRUNHEIRA
Fazendas de lã e algodão — Ferragens, ferro, aço e carvão
MERCEARIA, VINHOS E TABACOS
Variado sortimento de miudezas. Especialidade em chá, café, licores, etc.
Vendas por junto e a retalho
Correspondentes dos seguintes bancos nacionais e estrangeiros
Banco Pinto & Soto Maior
Banco Lisboa & Açores
Cupertino de Miranda & C.ª
Banco do Alemtejo
Porto Covo & C.ª, Ld.ª
Borges & Irmão
Banco Português do Brasil
Banco Noroeste do Estado de S. Paulo
Banque Française et Italienne pour Amerique du Sud
J. Frizzo & C.ª
Giordano & C.ª
Martinelli & C.ª
Banco Brasileiro Alemão
Banco Alemão Transatlantico
The British Bank of South
Efectuam-se pagamentos de letras ou cheques emitidos por estes Bancos no País ou Brasil
Transferências de fundos e cobranças

Vila Nova da Barca

Capitão Gomes da Silva

Modesto em seu tratar, trabalhador infatigável desde tenra mocidade, experimentou, na sua longa carreira militar, os sacrificios do sol africano, que lhe tostaram a tez e queimaram seu corpo de lutador.

Foi sempre carinhoso para seus amigos, o sr. Capitão Gomes de Silva.

Foge, quanto póde, à popularidade. Mas, desta vez, tem de ter paciência, porque «O DEVER» não póde furtar-se a prestar-lhe esta homenagem simples, não só como vice-presidente, que é, da C. E. da Câmara Municipal, mas ainda como homem nascido no nosso concelho e que, mercê do seu amôr ao labôr, ao estudo e a si próprio, se fez homem, capaz, sem favôr, de figurar na lista dos válidos e dos ilustres da nossa região.

Se outras qualidades morais não esmaltassem o seu nobre caracter, bastava-lhe a grande, a apreciável qualidade de ser um militar leal e um amigo da sua terra, para não carecer de mais outras, que possue, para o impôr á gratidão do pôvo.

Augusto Cordeiro

Em pôsto mais modesto mas, ainda assim, de responsabilidade e de destaque, fez-se o 1.º Sargento de Saúde Colonial, Augusto Cordeiro, à custa do seu próprio esfôrço, amôr à disciplina, e dedicação à farda gloriosa que sabe envergar.

Fica bem ao lado de outros homens de posição social mais elevada, porque Augusto Cordeiro, por ser um pouco mais humilde, nem por isso deixa de ser menos honrado e nem menos merecedor da nossa estima e da nossa consideração.

Leal, como o sabe ser um militar ponderado e criterioso, o nosso amigo é todo dedicação ao trabalho, meticuloso, sossegado, rigoroso no cumprimento de seus deveres, honrando a nobre e fidalga família militar, à qual Portugal deve a sua independência.

Carapinheira do Campo

ANTÓNIO GOMES QUIAIOS, vogal da Junta de Freguesia

JOSÉ JORGE ANDRÉ MARTA vogal da Junta de Carapinheira do Campo

IGREJA MATRIZ
Desenho do novel artista, sr. Fausto Rocha, de Lisboa

MATIAS COUCEIRO
ALFAIATE
NOVIDADDE EM FIGURINOS
ESMERADO ACABAMENTO
Secção de Calçado, das melhores procedencias nacionais
PREÇOS SEM COMPETENCIA
TELEFONE — POSTO PUBLIO
CARAPINHEIRA DO CAMPO

Joaquim Costa e Silva
Fozendas de lã e algodão
Mercearias, Vinhos e Miudezas
Pode ser procurado em todas as feiras deste Concelho e de Cantanhede
CASAL DO MATO
CARAPINHEIRA

José Jorge André Marta
Mercearias e miudezas
Vinhos finos e de mêsa
ACESSORIOS PARA BICICLETES
Prego, cimento e vasilhame para vinho
Correspondente dos Bancos:
Espirito Santo, Borges & Irmão e Cupertino de Miranda
Montemór-o-Velho
CARAPINHEIRA DO CAMPO

A CAMPONEZA
Mercearias, Vinhos, Tabacos, Miudezas, Azeite e Carnes
Vendedor das melhores marcas de café
FAZENDAS BRANCAS
ARTIGOS FUNERARIOS
QUIRINO MONTEIRO
Telegramas — Camponeza
CARAPINHEIRA DO CAMPO
(BANDORREIRA

PADARIA CENTRAL
— DE —
Joaquim dos Santos Mano
Fabrico esmerado de pão de consumo
Especialidade em bolos sêcos
Alhastro CARAPINHEIRA

Pontes do Marujal

Vão ser construidas as pontes do Marujal, que ligam as povoações do sul do concelho com a nossa vila.

Tem andado lá os engenheiros de Obras Publicas e o respectivo Director. E' um grande melhoramento, e sem o qual as pontes sôbre o Mondego, em obras tambem, não teriam valor algum. As pontes do Marujal, a que nos referimos ao há bastantes anos em ruína, sendo o trânsito por ali completamente impossivel. Oxalá que vão avante.

Isto escrevemos em «O Dever», n.º 226, em 2 de Julho de 1916.

Em 25 de Setembro de 1933 (ontem, pode dizer-se) escrevia o nosso director, num jornal de Coimbra, o que segue:

INTERESSES REGIONAIS

As pontes do Marujal

A freguesia de Verride, populosa e importante freguesia do concelho de Montemór-o-Velho, é das poucas que, integrando-se no seu meio, sedenta de prosperidade, vem trabalhando com afan e boa-fé, em prôle do seu engrandecimento colectivo.

Não sabemos porquê, Verride, como outras freguesias daquele concelho, não andam nem desandam, ficando, anos e anos, na mesma, sempre á espera de... D. Miguel...

Há muitos anos anda Verride empenhada na ligação, mais do que necessária, absolutamente indispensável, da estrada nacional n.º 42, 2.ª classe, com as pontes de Marujal, ridente logarejo circunvizinho.

Esta aspiração tem já barbinhas brancas. Ali, em Verride, discutem-se mais certas questões de «lana caprina» do que os interêsses gerais da população. Sempre houve, para aquelas bandas de Verride, um ársito de «dize tu, direi eu».

Agora o que é incompreensivel é que, faltando apenas uns poucos de metros para a ligação da estrada, há tantos anos uma região inteira aguarde que se ponha côbro a tão grave transtorno e prejuizo público.

Se os homens que têem o dever de olhar por isso, desempenham as suas funções directivas, apenas por luxo e comodismo de representação, não vale a pena atravancarem o caminho a outros mais dextros e mais trabalhadores.

Se fôsse noutro tempo, não seria de estranhar que se acolmassem de politicos os processos usados para... não se fazer nada.

Presentemente, que todos dizem que não são politicos, mas que, á politica, devem as suas situações sociais e económicas, tais procedimentos e tais esquecimentos não justificam.

Uma estrada nacional, — nacional, olhem bem! — que está desligada meia duzia de metros de outros e tão importantes caminhos de acêsso a regiões férteis e populosas, por desleixo, por indiferença, por criminosa negligência, é uma estrada que devia desqualificar-se, porque, de «nacional», só tem o nome.

E' que a Nação não termina ao pé de Verride, alí á beira do Mondego...».

Esta transcrição serve, apenas, para demonstrar que, efectivamente, nunca descurámos este melhoramento, embora não residâmos no nosso concelho e nem tenhâmos interêsses ligados á parte interceptada e por concluir.

O que parece impossivel é que, só volvidos 6 anos de regime ditatorial, houvesse a lembrança de reclamar, das estações competentes, a resolução de tão urgente problema.

50 anos á espera, e... nada!

Agora, então querem tudo a correr...

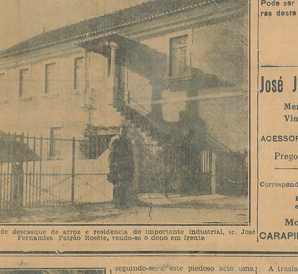
Lá iremos, de vagar, se as coisas, como se espera, não se modificarem.

O actual govêrno não promete... executa.

G A T Õ E S

José Fernandes Patrão Rosete
FABRICA DE DESCASQUE DE ARROZ
Industria aperfeiçoada
MONTEMOR-O-VELHO
GATÕES

AMANDIO GOMES CAIADO
MERCEARIAS E CEREAIS
CARAPINHEIRA DO CAMPO



Fábrica de descasque de arroz e residencia do importante industrial, sr. José Fernandes Patrão Rosête, vendo-se o dono em frente

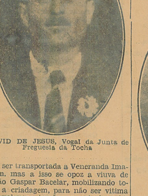
rou João Gaspar Bacelar outros terrenos lemitrofes.

E aí se ergueu uma pequenina ermida dedicada a Nossa Senhora da Atocha, cuja Imagem veio de Madrid.

JOAQUIM RODRIGUES MAIA, Presidente da Junta de Freguesia da Tocha

Crescendo, dia para dia, a devoção pela Senhora da Atocha, resolveram os Cruzios transformar a pequenina ermida em vasto e sumptuoso templo.

Em 1661, sendo Geral da Ordem, D. José, foi lançada a primeira pedra do novo templo — no proposito de para



DAVID DE JESUS, Vogal da Junta de Freguesia da Tocha

ele ser transportada a Veneranda Imagem, mas a isso se opoz a viuva de João Gaspar Bacelar, mobilizando toda a criadagem, para não ser vitima de qualquer extorção por parte dos cubiçosos Crúzios, tão ávidos da Veneranda Imagem.

Estes conflitos, é frequente encontrá-los narrados, mais ou menos picarescamente nas crónicas das Ordens religiosas.

Sendo Geral dos Crúzios, D. Luís da Silveira, tio do Conde de Oriola e Barão de Alvito, propoz aquele, á viuva em troca da Imagem de Nossa Senhora da Atocha, dois dotes de freira para duas das suas filhas — que era importância de grande monta.

MANUEL RODRIGUES MAIA — Grande benemérito da Tocha

Mas nem assim a viuva fidalga anuiu...

Cortou o nó górdio um genro desta, que tinha grandes relações entre os Crúzios — tendo, tambem, no Mosteiro

Altar-Mór de N. S.ª da Tocha

de Santa Cruz um parente chamado D. Bernardo de Santa Maria, que, mais tarde, foi bispo de S. Tomé e Principe, e outros...

Estas coisas não são novidade: vêem-se nos livros que tratam dêstes assuntos, mas vale a pena relembrá-las.

A's solicitações, repetidas dos Crúzios, que viam na Imagem da Senhora da Atocha uma bôa fonte de receita, não resistiu o genro da viuva: acabando esta por ceder — em 1670.

Foi um acontecimento retumbante: Indo a Veneranda Imagem, processionalmente, para o seu novo templo — seguindo-se a este piedoso acto uma luzida festa.

Nesta festividade, que ficou memorável, assistiram todos os frades de Santa Cruz, com a sua «capela de musica» que, a-pezar-de do que diz Aspil-

FRANCISCO DOS SANTOS SILVA — Tesoureiro da Junta de Freguesia da Tocha

cueta Navarro, era alguma coisa de importante.

Juntaram-se ali — segundo diz Pinho Leal no seu *Portugal Antigo e Moderno* — para cima de 20.060 pessoas.

A trasladação da Imagem fez-se no dia 2 de Julho — que é o dia da dedicação da nova igreja.

E tudo isto para dizer aos meus reduzidos leitores: que na igreja da Tocha existe uma capela-mór, em forma de *charola*, cuja cupula, muito vistosa, é sustenada em oio colunas de mármore — feita á imitação do *templéto* que está no *Jardim da Manga*, mandado fazer por el-rei D. João III após a sua visita ao Mosteiro de Santa Cruz, em 1550.

No centro dessa espécie de *charola* eleva-se um altar com a Veneranda Imagem que, antigamente, se podia admirar de todos os lados.

Há anos — e é por êste motivo que fazemos alarme, para prevenir novos atentados — um dêsses lados foi tapado!!!

Se não acudirem, a tempo, ao que resta do *templéto* de Nossa Senhora da Atocha, Deus sabe o que mais lhe sucederá.

Parece-nos, pois, que a Direcção dos Monumentos Nacionais deve incluir na lista das coisas entregues á sua guarda e conservação a capela, muito interessante, de Nossa Senhora da Atocha, na vila da Tocha.»

N. da R. — A antiga freguesia da Tocha tinha o nome de *«freguesia de S João Baptista da Tocha»* com a sua séde no actual bairro de Cadima denominado *«Quintã»*. Neste bairro existe hoje a *Capela de S.to Amaro, da Quintã*.

Ainda há pouco existiam pessoas cujo registo de nascimento tinha sido feito na «freguesia de S. João Baptista da Tocha».

DR. MANUEL DOS SANTOS SILVA — Filho ilustre desta terra, Assistente da Faculdade de Medicina, médico dos Hospitais da Universidade e do Sanatório de Celas, em Coimbra

Almeida Júnior, defende-se

desfazendo calúnias. — Moirejador incansavel. — Sempre por caminho direito!

Um médico desordeiro e a Escola de Arazêde

Porque nem toda a gente conhece a maneira pouco correcta como um tal V. M, ainda médico municipal da nossa terra, pago por nós, se nos dirigiu, na *Comarca de Cantanhede*, ha mêses, por virtude de defendermos a abertura da escola que êle, em 1934, também queria que se abrisse, como se vê de «O Despertar», de 17 de Março do ano passado, aqui reproduzimos da *Comarca* e da *Gazeta de cantanhede*,, a cuja gentil hospitalidade nos acolhemos, as ofensas que nos dirigiu e a defesa a que fomos obrigados, por ver apoucada a nossa honra, que, felizmente, ninguém pode pôr em duvida.

Abrimos este parentesis no dia de hoje, com antecipado perdão do pôvo, porque da calunia sempre alguma coisa fica.

Os leitores verão como começámos a tratar da questão da escola.

Ordeiramente, sem uma palavra ofensiva para quem quere que fosse, apenas nos preocupava o facto de se conservar fechada a nova escola, havia 2 anos, pronta.

E, assim, em 16 de março do ano passad , vendo que não havia providencias, escreviamos, no n.º 921 da estimada *Gazeta de Cantanhede*, que tão altos serviços tem prestado ao povo da nossa terra, o seguinte:

Agora, muito a sério!

«Arazêde é uma das maiores e mais bem situadas freguesias do julgado municipal do vizinho concelho de Montemór-o-Velho, hoje fazendo parte importante da nossa comarca.

Tivemos sempre por Arazede, por toda a freguesia de Arazede, a maior consideracão. E essa simpatia aumenta á medida que vemos prosperar a ridente e hospitaleira freguesia.

Neste momento, porém, existe ali um problema sério, muito sério, por resolver, muito embora posto, ha muito, em equação — e para cujo estado se dispenderam avultadas quantias, que não podem ser indiferentes nem á população arazedense e nem ao próprio Estado.

E' a questão da escola. A questão da escola tem de ser olhada de maneira a solucionar-se o problema prontamente. Não ha o direito de conservar fechada, a deteriorar-se, uma obra de tamanha grandeza e de tão grande alcance social, continuando as crianças a receber a luz das letras num velho casébre, esburacado, a cair de pódre, com mais de cem anos de existencia, e que não é já próprio de figurar entre as coisas uteis de uma terra como Arazede. O velho pardieiro pode inspirarnos, e inspira, de-certo, muita amizade.

Muita saudade, até. Foi lá que passaram nossos maiores, — foi por lá que nós passámos. Olhamo-lo com enternecimento, com aquela emoção que nos causa a lembrança de uma infancia que não volta! Mas que, para matarmos saudades, e só para isso, se deixe em pé, mesmo assim velhinha, a antiga escola; e que não se demore mais a abertura da escola nova.

Ha mais de um ano, o vice-presidente da Camara Municipal de Montemor-oVelho, em entrevista concedida ao nosso colaborador, Sr. Almeida Junior, e publicada num jornal de Coimbra, informava que a inauguração da escola de Arazede, estava apenas dependente da inauguração da cabina telefónica, para se fazer a despesa da festa de uma só vez.

Ora a cabina já funciona, mesmo sem inauguração oficial, sem festas, sem despesas de recepções, etc.

Porque não ha-de abrir as suas portas á petizada a nova escola, ha tanto tempo pronta a funcionar?

E' uma interrogação que anda de boca em boca, por toda a parte: por Lisboa, pelo Brasil, pela America do Norte, por todo o mundo enfim aonde exista um filho de Arazede.

Responda a essa interrogação quem tiver de o fazer. Mas que a resposta não demore muito, para tranquilizar almas inquietas e até calar certos despeitos... — A.»

Como veem, não há uma única palavra ofensiva, ninguém ali foi [illegible]sado. Em 30 do mesmo mês, o mesmo nosso colega, — sempre a simpatica e prestante *Gazeta* — escrevia, no seu n.º 923:

«No próximo número do nosso jornal serão tornadas públicas, par conhecimento dos interessandos, as razões que têm originado a não abertura da escola de Arazede, e o resultado das *démarches* levadas a cabo junto do Ministério da Instrucção pelo nosso colaborador Sr. Almeida Junior, no sentido de não protelar por mais tempo a inauguração do referido estabelecimento de ensino.

Desde já, porém, podemos assegurar que a abertura da escola de Arazede se fará dentro em breve.»

Nem uma alusão a pessoas. Nem um comentário ofensivo. Continuava o assunto a ser tratado com serenidade.

Com ponderação, apenas se tendo em vista ser util ao povo, á nossa terra.

Em cumprimento da promessa feita, constante da informação transcrita, a *Gazeta* publicava, no seu n.º 924, de 6 de Abril, o seguinte:

Verdades amargas... mas verdades

«Há mais de 7 anos pensou-se na construção de um edificio escolar em Arazede, para substituir o acanhado e desmantelado pardieiro que tem sido berço de instrucção de gerações várias, algumas das quais marcaram pelo seu aprumo hierarquico, social e politico, naquele acanhado meio populacional.

Deitaram-se arvores seculares por terra: demarcou-se o terreno; colocou-se a primeira pedra.

Foi rodando o tempo. E a população da grande freguesia foi acompanhando a marcha ascencional dos trabalhos, ansiando pelo dia solene da entrega da escola aos respectivos professores, isto é: á petizada arazedense.

Mas os anos foram passando, e nada! Nada, a não ser as obras em curso. Ora as obras foram concluidas, oficialmente, em 1933.

Tudo ficou pronto, em 1933. Como? Com que verbas?

E' o que veremos, mais tarde, em complemento. Por agora, basta isto:

Constituiu-se uma comissão administrativa, composta dos Snrs.: Dr. Cesar Vieira de Matos e José Ferrão. A estes senhores agregou o Estado, pelos Edificios Nacionais, um técnico, já falecido, o Snr. José da Rocha Pinheiro.

Em 1929 a Camara Municipal pediu a comparticipação do Estado, para a conclusão das obras. E em 28 de Novembro desse ano de 1929, o Estado, pela Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais, concedeu a verba de 20.000$00. E sabem os senhores o que foi feito desses 20 contos? Não sabem, Mas pasmem, como eu pasmei, ao sabê-lo. Esses 20 contos, verba inicial de aproveitar, voltou aos cofres do Estado, porque ninguem os utilisou no periodo economico legal.

Aí teem o zêlo e a atenção que se votou, logo de começo, ao assunto.

Não duvidamos da honorabilidade de ninguem. No fundo, são todos muito bons rapazes. Mas é lá em casa. Lá na aldeia Falam, discutem acaloradamente a influencia politica de cada qual, mas descuidam-se um pouco dos assuntos de utilidade publica.

Não se façam comentarios; apreciem-se, friamente, os factos.

Temos, pela Camara Municipal, *pela Comissão Administrativa da Escola, a maior consideração e respeito, porque essa consideração não é de favor. Merecem-na, todos, inteiramente.* Mas isso não nos impede de elucidar o povo, que é essa a nossa desinteressada missão.

Ora bem. Foram despresados 20 contos, em 1929.

E, em 19 de Setembro de 1930, 6 de Agosto de 1931 e 23 de Fevereiro de 1933, foram concedidos, mais, pelo Estado, respectivamente: 10 contos, 10 contos e 5 contos. Total 25 contos.

O Estado concedeu 45 contos e foram aproveitados só 25!!

Dir-se-ia que a Camara não precisava de dinheiro.

E quem custeou os 20 contos que se perderam? Veremos.

Agora, o remate. Porque isto, ó povo arazedense! também tem um remate, sem ser remate de cantiga, á maneira popular.

Porque não foi ainda aberta a escola? Ora, porque o Snr. Inspector da Região Escolar de Coimbra, não quis. Isto, de assuntos tão delicados, estarem entregues em mãos descuidadas, dá sempre este triste resultado.

Sejamos concretos:

Assim: logo que se deu nota da conclusão do edificio, isto é, de que tudo estava em condições, a postos, na melhor ordem, a Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais, entregou á Direcção de Ensino Primário, para que a utilisasse, a escola nova. Fê-lo, em oficio 293, de 24 de Janeiro de 1934, E a Direcção Geral de Ensino Primario, como lhe cumpria, oficiou em 1 de Fevereiro do mesmo ano (o ano passado, sob o n.º 259, registo de folhas 24, do Livro A, á Região Escolar de Coimbra, para que entregasse, imediatamente, o novo edificio escolar de Arazede e o abrisse á população infantil.

A Inspecção Escolar de Coimbra deu o seu acordo. Verificou-se que tudo estava bem. Que tudo estava a postos.

E tudo estava a postos, efectivamente, há mais de um ano. Mas a ordem do Ministério da Instrucção ainda não foi cumprida. E as crianças privadas de frequentarem a sua nova aula!..

E a população de Arazede conitnua, ansiosa, á espera de ver abertas as portas de uma escola que... foi mandada abrir há mais de 1 ano.

«Em todos os tempos a burocracia foi a chave emperradora do bom andamento dos serviços publicos.

Os homens que governam, boa vontade teem que tudo caminhe sem novidade. E agora lá os temos, honrados, sérios, bem intencionados, á testa da governação publica. Mas o que eles não podem evitar é que, cá mais por baixo, haja quem estorve a sua acção inteligente, a sua acção patriotica.

Ha mais de um ano que uma ordem superior não é cumprida, e o povo, que é o sacrificado, géme, enquanto certos senhores passeam, despreocupadamente, pela beira do Mondego, talvez cantando madrigais á lua...

Temos a certeza de que S. Ex.ª o Sr. Ministro da Instrucção, cujo belo caracter e patriotismo nunca foram contestados, porá cobro a este lamentável estado de coisas, que, sobre ser nefasto á Nação, é prejudicado, sobretudo, ao povo de Arazede, digno de solicitude e de melhor sorte.

Em nome do mesmo povo, aqui deixamos os nossos reparos, que mereciam outro comentário.

Abra-se a escola! E' o grito que se ouve por toda a banda.» — A.

Leram alguma ofensa?

Não leram. Antes, ao contrário, encontram elogios, pontos de honra ressalvados, quasi com humildade.

Não nos arrependemos de ser assim.

Pois, em resposta ás nossas considerações, que não ofenderam ninguém, — que, pelo menos, não deviam ofender ninguem — veio o tal V. M., na *Comarca de Cantanhede*, de 27 de Abril, com este mimo de linguagem, com esta belesa de fraseado, que publicâmos na integra, para melhor se avaliar do seu e do nosso caracter.

Escola de Arazêde

Verdades amargas... mas verdades

«O escrito dum qualquer Almeida Junior, publicado no jornal «Gazeta de Cantanhede» n.º 924 de 6 do corrente, *força-me a que venha a publico*, só pelo motivo, de quem cála... consente.

Nem sequer de vista conhecemos tal cavalheiro, mas procuramos conhecer a sua biografia por pessoas da máxima probidade e soubemos então que ele não está á altura de poder debicar na dignidade de quem quer que seja. Seria isto o bastante para que não lhe ligássemos a menor importancia, mas temos por dever esclarecer os leitores daquele jornal. Como se não fôra suficientemente conhecido neste meio, vem ele, só agora, querer mostrar ser um grande defensor da sua terra, como *se esta lhe devera alguns beneficios e nem sequer, por curiosidade veio ainda* visitar o novo edificio escolar. Infeliz terra, que tal filho tem.

Mas vamos a transcrever a prosa desse honrado cavalheiro. Escreveu ele:

—«Ha mais de 7 anos pensou-se na construção de um edificio escolar em Arazede, para substituir o acanhado e desmantelado pardieiro que tem sido berço de gerações várias, algumas das quais marcaram pelo seu aprumo hierarquico, social e politico...

... ...

«Aí têm o zêlo e a atenção que se votou, logo de começo, ao assunto. Não duvidamos da honorabilidade de ninguém. No fundo, são todos muito bons rapazes. Mas é lá em casa. Lá na aldeia. Falam, discutem acaloradamente...»

... ...

«Temos pela Camara Municipal, pela Comissão Administrativa da Escola, a maior consideração e respeito, porque essa consideração não é de favor. Merecem-na, todos, inteiramente. Mas isso não nos impede de elucidar o povo, que é essa a nossa desinteressada missão.»

Ora a verdade, é, que ha aproximadamente 8 anos, *pensei eu, mas eu só*, em se construir uma nova escola para o sexo masculino na séde da importante e laboriosa freguesia de Arazede, onde exerço a minha afividade profissional ha cêrca de 13 anos e onde nasceram meus filhos. Para se iniciar a construção, fui *ainda eu e só eu*, que consegui as primeiras verbas (da Junta Geral do Distrito 2.500$00 Esc. e do Estado 10.000$00 Esc.). E só então, é que por portaria publicada no Diario do Governo, foi nomeada a Comissão, que ficou composta da minha pessoa, José Ferrão e ainda pelo Sr. Antonio Ismael da Cruz, que talvez por lapso, o tal Almeida Junior deixára ficar no tinteiro e que nesta Comissão, desempenhára e muito bem, o cargo de tesoureiro.

Quando exgotadas aquelas verbas, o Estado tinha resolvido, que de futuro, só concederia subsidios pelo regimen de comparticipação.

E foi quando recorremos á Camara Municipal, que do melhor grado nos dispensou todo o auxilio de que careciamos, sendo então nomeada outra Comissão, composta epanas pela minha pessoa e José Ferrão.

Refere-se aquele cavalheiro a verbas concedidas e que voltaram aos cofres do Estado por não terem sido aproveitadas no periodo económico legal. Para nós, é novidade. Nunca delas tivemos conhecimento e tal facto, só teria sido possivel quando do regimen de comparticipação, não nos cabendo a menor parcela de responsabilidade.

O cavalheiro marcou e marca alto pelo desaprumo.

A comissão de construção sente-se satisfeita por haver levado a final tão bela obra, á qual dedicou toda a sua boa vontade e esforço. Tem a mesma comissão a noção de haver cumprido inteira e fielmente o seu dever. Sofremos é certo arrelias, perdemos muito do nosso tão precioso tempo, incomodamos alguns dos nossos melhores amigos e fizemos alguns sacrificios, inclusivé monetários, com deslocações, várias a Coimbra e Lisboa.

Mas a verdade, é que possuimos um amplo edificio escolar, com 2 belas salas de aula, 2 explendidas gabinetes para os professores e com um recinto vedado de 2.009 metros quadrados de superficie destinado ao recreio das crianças. E tão grande beneficio devemo-lo á actual Situação Politica do Estado Novo.

O tal cavalheiro não duvida da honorabilidade de ninguém, porque para tanto, como já disse, lhe falta autoridade.

Somos bons rapazes no fundo e á superficie, em casa e na rua, na aldeia e nos grandes centros. Poderá o Almeida Junior fazer identica afirmação?

A consideração e respeito, que sem, ou com favor, possamos merecer ao tal Almeida Junior, desprezamo-la, por ser o que mais nos convem.

No final, brada para que a escola seja posta a funcionar. Tambem chegou muito tarde.

Em 17 de Março de 1934 no jornal que se publica em Coimbra «O Despertar» n.º 1733 já nós escreveramos nessa altura, que ha 2 anos a escola podia ter sido aberta á numerosa população em idade escolar, a exemplo do que fôra feito com os novos edificios escolares do Tojeiro e Liceia, aqui proximos, quando as suas construções estavam em maior atrazo do que o desta localidade. Dizia mais, que um professor era insuficiente para ministrar o ensino a tão avultado numero de crianças, motivo porque tinha sido construido um edificio com 2 salas de aula para assim ser criado o 2.º lugar e aqui ser provido um outro professor, como é muito necessário e de inteira justiça. Felizmente que esta terra, pouco ou nenhuns possue de calibre igual ao do tal Almeida Junior.

E para finalisar, diremos que a nova escola está em condições de abrir as suas portas e que emquanto o já célebre Almeida Junior, arremete... a caravana vai passando.

Arazêde, 13-IV-935.

V. de M.
Presidente da Comissão de Construção»

Ora aí está!

Ora aí têm os senhores como respondeu o V. M. á nossa delicadesa...

E' que V. M. estava mal informado.

Os intriguistas — poucos são felizmente, na nossa terra — tinham-no informado mal. Julgou-nos um criminoso, um cadastrado, uma pessoa temivel, quando, do nosso registo criminal e da nossa biografia nada consta de um; e, do outro, apenas que temos sido toda a nossa vida, ingénuo em demasia, incompreendido, afinal.

Como não podia deixar de ser, e bem contra nosso hábito, enervámo-nos e, então, apressadamente, dirigimos, á *Gazeta*, que o publicou no seu n.º 928, de 4 de Maio, o artigo defesa, que segue:

Escola de Arazêde

«Precisamente á hora em que redigiamos, para a Gazeta, hoje, umas notas e comentários complementares, acêrca da escola de Arazêde, mão amiga nos entregava o semanario *Comarca de Cantanhede*, que insera umas miserias, bolsadas, a meu respeito, por um cidadão qualquer que foi parar á minha terra, por obra e graça do favor alheio.

Não discutimos, porque não podemos, se receita bem ou receita mal, o tal cidadão, que nos dizem ser médico. O que nos interessa, já o vamos apontar.

Desde já, porém, afirmâmos que êsse médico não sabe escrever... e falar, não sabemos se sabe, porque nunca ouvimos a sua voz, embora saibâmos que é uma voz avinhada, que muito se nota em locais lá da minha aldeia, que não costumo frequentar.

Em vez de discutir, com calma, com serenidade, o assunto da escola, que é o que interessa, neste momento, o cidadão atordoa se, e, quando todos esperávamos a publicação, exacta e miuciosa, das contas da sua administração na construção da escola, sai-se com insinuações torpes contra mim, contra a minha honorabilidade, até agora imaculada, embora já outros a tenham pretendido denegrir, baldadamente. Antes de mais, reproduzimos, para elucidação do povo bondoso da minha terra, que não para explicações ao médico, o que fiz publicar, em 7 de Novembro de 1933, no *Diario de Lisboa* e que o *Diario de Coimbra* reproduziu em 9 do mesmo mês e ano, no n.º 1159.

Então, como agora, me quizeram enlâmlar. Mas a vasa caiu no rosto de quem pretendeu ferir-me.

Agora é um médico que, na minha terra, aonde ganha o pão e bebe o vinho, se presta ao mesmo papel... lá de longe.

Julgava eu, e julga o mundo inteligente, o mundo que não vive nas tabernas e não passa o tempo nos soalheiros, que um homem, acusado por outro homem, e presta contas á justiça, e por ela é absolvido, que é um homem tão digno e tão honrado, como qualquer frequentador de tascas...

Julgava eu, e julga toda a gente, que, no banco dos reus, e nas cadeias, têm entrado, preventivamente, muitos homens honrados, mais honrados continuando, na vida, do que muitos cidadãos que cheiram a vinho e a tabaco, passando o tempo a ferir reputações, despresado de pessoas de bem.

Ora comigo deu-se isso. Acusavam-me. Defendia-me, perante os tribunais do meu país. Fui ao Pretório. Do tribunal sai absolvido. Prestei contas á justiça. A minha folha de Registo Criminal, encontra-se limpa. Dela, *nada consta*. E como Montemór é perto, qualquer médico lá pode ir verificar. E' melhor. E, agora, a transcrição, dos citados jornais».

Almeida Júnior

«Acérca de uma local publicada no número de terça-feira do nosso presado colega «Diario de Lisboa», sôbre o delegado do «Diario de Coimbra» na capital, Sr. Almeida Junior, e que desvirtua completamente o caso a esclarecer, transcrevemos a cópia da carta que aquele nosso camarada enviou á redacção do importante vespertino da capital:

«Ex.mo Sr. Director do «Diário de Lisbôa»:

«Pela local inserida hoje no seu jornal, sob a epigrafe: «Acusação infundada», ficaria muita gente julgando que eu tive, no meu concelho (Montemór-o-Velho), algum conflito ou julgamento.

Ora o que é certo é que, quando enviei a V. Ex.ª a nota do resultado dos acórdãos, a meu respeito proferidos em 1931 e 1932 em Lisboa e Odemira, a que juntei, para exame de V. Ex.ª, o certificado do meu registo criminal, «de 6 do corrente», até hoje sem mancha, apenas tive em vista esclarecer e tornar publico, por intermédio do «Diário de Lisboa»; que continuo a ser o mesmo homem sem mácula, mau grado o desejo de certos amigos de ...Peniche.

Pedindo a V. Ex.ª o favor de rectificar, sou, com a maior consideração,

7-XI-933.

Confrade e Admirador

(a) *Almeida Júnior*

Como vêem, já não é a primeira vez que pretendem ferir a minha dignidade.

O tal V. M., que me garantem ser as iniciais do nome do médico em questão, depois de exaltar o seu porte, pregunta, maldosamente, se eu poderei fazer a mesma afirmativa de ser homem de bem. Pelo que aí fica, a pregunta está respondida.

Parece que o homenzinho se assustou com a nossa campanha em prol da abertura da escola de Arazêde.

Levantar um edificio, é facil; o que parece dificil, é abri-lo. Mas ha de ser aberto á população infantil, e o tal V. M., obrigado a prestar estritas contas ao povo.

Ignorava, V. M. que os primeiros 20 contos que o Estado concedeu em 28 de Novembro, de 1929, voltaram á posse do Estado, por não terem sido utilizados no praso legal! Não admira. Acontecem essas ignorancias a todas as pessoas que passam a vida á margem da pobre função que lhes foi confiada. Não, homemzinho, não deixámos ficar, no tinteiro, o nome de Ismael da Cruz. Só o não citámos, por não constar de documentos oficiais, que compulsámos. E nós estamos mais apetrechados, do que qualquer médico mexeriqueiro.

O que fizemos pela nossa terra, consta do jornal que, com o próprio Ismael da Crur, aí fundámos e mantivemos de 1912 a 1918, e cuja coleção, de *O Dever*, qualquer médico pode consultar, aí perto, na Biblioteca da Universidade, se por aí a não houver.

Quem sômos?

Qualquer dia lho diremos, não, oferecendo-lhe um copo com vinho ou um cigarro, porque não bebemos... nas tabernas, nem fumâmos, mas em publico, na tribuna pública, quando aí formos pedir-lhe contas, no meio do povo, não só do seu *zêlo* pela terra, mas dos insultos que, intactos, desde já, lhe devolvemos.

V. M., em vez de pedir um inquérito, entretem-se a impedir que os mortos se enterrem em locais á vontade das familias.

V. M., em vez de providenciar no sentido da entrega da escola, entretem-se a ferir reputações, a fazer insinuações maldosas. E' que não encontrou ainda um filho de Arazede, mesmo assim desconhecido e humilde, que lhe fizesse frente, em lugares próprios.

Tem agora, o

. José de Almeida Júnior.»

E a escola abriu-se.

Noticiando o nosso triunfo, que é o triunfo do povo e dos que trabalham por causas justas, a *Gazeta*, em éco, publicava no mesmo número, o seguinte, judiciosamente ponderado, como o sabe ser o seu ilustre director e nosso obsequioso amigo, Snr. Henrique Barreto.

«A campanha que aqui vem sendo feita em favor da escola de Arazêde, acaba de ser coroada do merecido êxito.

A escola de Arazêde foi aberta ás crianças, na segunda-feira, sem festas, sem discursos, sem musica. Festa intima, apenas. Festa no coração daqueles que para isso têm lutado. A festa que resulta do triunfo duma causa justa, duma causa santa — a causa da instrução do povo.

Felicitamos Arazêde. Não fazia sentido que um edificio escolar, com todos os requisitos exigidos pela moderna pedagogia, ali estivesse, ha cêrca de dois anos, encerrado, enquanto as criancinhas iam sendo ensinadas em casas improprias, sem ar, sem luz, sem higiene.

Não fazia sentido.

Não se conteve, o médico, e veio, novamente insultador, com a mesma gafada fraseologia, na *Comarca*, de 11 de Maio, arremeter contra nós e contra todos, como se os outros tivessem culpa de ele ser impulsivo, turbulento, incensato, e a todos chamando rafeiros.

Leiam, que vale a pena.

Vale a pena, porque assim melhor se avalia o caracter do homem, que ainda é médico á custa dos que insulta e ofende. E escrevia:

Escola de Arazêde

«Pela ultima vez, venho eu ocupar-me do já tão discutido edificio escolar de Arazêde, não para responder ao cavalheiro Almeida Júnior, mas sim, por consideração pelo publico que não é estranho a este assunto.

Não se presta este jornal a questões pessoais e por tal motivo, procuraremos ser breves na exposição deste caso, não ligando a menor importancia aos insultos do tal Almeida, porque nos colocamos muito superiores á sua pessoa em correcção e higiene da linguagem.

Não nos referimos a questões de gramática onde o Almeida sincou gravemente no seu arrozoado, mas simplesmente á ideia predominante da escola em questão.

Ele não desmente que fôsse eu o autor da iniciativa e execução de tão bela obra tendo encontrado sempre a meu lado o dedicado amigo José Ferrão, que serviu lealmente e que me acompanhou com a maior dedicação nas várias deligencias para com as instancias superiores.

A obra está feita unicamente por iniciativa de duas pessoas: José Ferrão e eu.

Nunca ninguém alimentou o fogo sagrado da construção da escola com a minima parcela do seu esforço e muito menos o tal Almeida, que se arrogou o direito de vir a publico, sómente para beliscar no caracter de pessoas honestas.

Diz o Almeida no seu arrazoádo que é fácil levantar um edificio. Nesse caso, aí teem os conterraneos do Almeida Júnior um belo ensejo, dirigindo-se-lhe para que ele sem demora construa a escola para o sexo femenino cuja falta tambem se faz sentir nesta povoação.

Nós fizemos tudo quando pudémos em relação á população escolar do sexo masculino. Faça ele agora com as facilidades incriveis que encontra tudo que puder para servir a sua terra de que tanto fala. Que ao menos ela um dia lhe deva uma obra meritória que ele até agora nunca foi capaz de executar.

Para ilucidação do publico ainda acrescentamos mais isto: andamos a trabalhar para que o mais breve possivel seja aberto concurso para ser provido o 2.º lugar da escola masculina, cujo edificio fundamos, assim como nos merece a maior atenção a conversão em mista da escola masculina do lugar do Amieiro para servir á população deste lugar.

Ponha o publico em confronto a nossa acção traduzida em factos, com as palavras ôcas do decantado Almeida.

Se a escola não foi aberta há mais tempo não nos cabe a nós essa responsabilidade Bem diligenciamos para que o fôsse e provamo-lo com um artigo publicado no «Despertar» n.º 1733 de 17 de Março de 1934 precisamente por acharmos demasiadamente larga essa demora. Quanto a apresentação de contas, que parece causar engulhos ao decantado Almeida, elas serão apresentadas sim e escrupulosamente, quando formos solicitados por quem de direito. Isto é, pelas entidades oficiais que possam ter interferencia em obras escolares.

Não é qualquer *resnulias*, que com o espantalho de inquéritos de via reduzida, pensa em vir exigir-nos contas da nossa obra. Nunca tememos arremetidas de ninguém, mesmo superiores a nós e muito menos uma criaturinha que nem sequer conhecemos.

Repetimos: continuamos a lançar o nosso despreso a um homem que atrevidamente interveio num assunto que não é da sua competência. E portanto, ficamos por aqui, não voltando mais ao assunto por muito que os rafeiros ladrem — á lua.

7-V935.

V. de M.»

Depois... Depois calou-se, fugiu, agachou-se a escorrer sangue por todos os póros, a esguichar pús por todas as fistulas da lingua envenenante.

Foi-se. Partiu a pena, a pena feita do bunho das esteiras sobre as quais dormem os chagados de corpo e alma.

Feriu e... sumiu-se!...

Até hoje, ninguém mais deu por tal sujeito, a não ser nos tribunais a testemunhar falso e a testemunhar verdade... nos mesmos processos que ele acalenta, inspira e alimenta com seu ódio e sua inconsciência.

Mas não nos calámos nós, que nunca foi nosso costume atirar a pedra e esconder a mão.

E, assim, continuámos a nossa defesa, atacando como é lógico e razoável.

E então escreviamos, na *Gazeta*, n.º 929, de 11 de maio — cruzou-se com o arrazoado dele — o que segue:

Escola de Arazêde

Verdades amargas... mas verdades

«Inventou-se a dualidade do politico e do homem, mas no ataque, o homem, a sua honra e a dos seus foram atingidos com requintes de perversidade, tanto maior quanto o adversário estava muitas vezes convencido da mentira da acusação».

DR. OLIVEIRA SALAZAR.

«Quem leu a *Comarca de Santanhede*, no começo da 4.ª página, do n.º 27 do p. p., e notou a maneira como um tal V. M. se referiu ao nosso nome, insinuando, verrinosamente — de certo ficou com a impressão de que V. M. é um homem de bem, de comportamento irrepreensível, zeloso, amigo da nossa freguesia e que nós, ao contrário, somos ladrão ou assassino da pior espécie.

V. M., que garantem ser as iniciais do nome de um médico que exerce a sua profissão em Arazêde, estando muito longe de cumprir, zelosamente, o seu oficio, entretem-se a enlamear reputações, a contar a vida, ás vezes atribulada, de clientes sem recursos!

Viram, todos os que lêm a *Gazeta*, a maneira delicada como nos referimos ao assunto da escola, que era esse, o que nos interessava.

Viram, todos que lêem a *Comarca* e a *Gazeta*, a maneira como esse médico responde, atacando logo, levianamente, a nossa reputação.

Quere dizer: em vez de dar explicações ao povo do motivo porque, ha mais de um ano, estando a escola entregue e pronta a funcionar, ela não tinha ainda sido entregue, vem, injustamente e maldosamente, atirar-se á nossa conduta, aliás imaculada, como se verá. E' ou não é um homem conflituoso, irreflectido, qual arruaceiro, a desafiar, em feira franca, o pobre negociante?

Este médico, arvorou-se em mandão, e deixem-no.

Mas enganou-se, o V. M. Não sabe com quem se meteu.

Depois, — e isso pouco nos interessa — dando-se póse, empertigando-se, a cuspinhar, finge que não nos conhece. Foi *assistente* de nossos saudosos progenitores. Viu-nos, em 1926, quando deixámos, em nosso jazigo, no cemitério da nossa terra, os restos mortais de nosso amantissimo Pai.

Recebeu, durante mais de três anos, — e não sabemos se ainda recebe — a «maquia» anual de nossa casa. Se ainda a usufruir, ou de familia nossa, vamos promover que, em vez de milho, lhe dêem, no fim de cada ano, uma condecoração de ...lata, como prémio de suas calunias e de seus inqualificaveis processos de ataque ao semelhante. Pouco nos importa que nos conheça.

Basta que nos conheçam os homens de bem.

Para se avaliar nitidamente da alma tôrva dêsse achincalhador, e como contraste, vejam que os homens bons, os homens leais, os puros portugueses, mesmo lá de longe, não fingem que nos conhecem.

Mas esses são os homens que, acima de conflitos, de politica de soalheiro, colocam o seu caracter, o sentimento nobre que, na vida, os orienta.

Os senhores não estranhem que lhe não citemos o nome. E' que o bico da nossa pena, não sabemos bem porquê, recusa-se, vacila, e não escreve o nome.

Feriu ele a nossa honra. Fê-lo, *por ouvir dizer*. Fez mal. Tem filhos. E não gostaria, certamente, que enoduassem a honra dos filhos.

Para que macúla, então, reputações alheias, abstractamente, sem averiguar bem se diz ou não a verdade?

Enquanto o médico, que caiu na nossa terra generosa, por favor alheio, nos não conhece — e anda bem! — homens da categoria do grande Moisés Nora, têm seguido, obsequiosamente, lá dos confins do mundo, a nossa conduta, ajudando-a com o seu valioso concurso moral.

Mas, esses, são os homens de caracter.

E para que se avalie o contraste, reproduzimos, por agora, um trecho da carta nossa, dirigida ao eminente evangelizador e nosso honrado patricio, Snr. Cónego Moyses Nora, para terras brasileiras e a resposta que nos deu o grande português e padre exemplarissimo.

Enquanto estivemos sob a alçada da Justiça, levado a essa situação deprimente por acusações infundadas e maldosas, retirámo-nos, voluntariamente e sistemáticamente, do convívio do mundo exterior, deixando aos tribunais a ultima palavra sobre os nossos casos.

E' que nos sentiamos sob o pêso esmagador da duvida alheia.

E os tribunais, pela voz autorisada dos seus doutos componentes, pronunciaram-se, absolvendo-nos, ilibando-nos de culpas que, aliás, não pesavam sobre a nossa consciencia. Lutámos. Lutámos e sofremos muito! Mas foi-nos feita justiça.

Ora, agora, depois disso, tem, alguem, o direito de bulir em tal assunto? Tem, alguem, o direito de duvidar da nossa honorabilidade? Só se fôr um insconciente.

Desfeitas pelos juizes, as acusações que sobre nós impendiam, muito legitimamente volvemos ao convivio social de nosso hábito, despresando o convivio do médico da nossa terra, porque não frequentamos tabernas.

Como prometemos, reproduzimos, a seguir, de memória, parte da nossa carta, escrita ao queridissimo Cónego Moisés Nora, em Fevereiro de 1932, depois da nossa absolvição:

Um padre exemplar

...«*Meu Cónego Amigo:*

«Não quiz escrever-lhe sem findarem, nos tribunais competentes, os assuntos que a eles me traziam captivo.

Hoje, que as asas da minha inocencia voam, alto, no infinito da Liberdade, desprendidas das infamantes algemas que as manietavam; hoje que o Sol Redentor das reparações morais entrou no meu lar, ha tanto tempo sem alegria e sem um raio de luz benemerente, eu venho, meu Cónego, estender-lhe, através do imenso e murmuroso Oceano, os meus braços, encostando, ao seu, o meu peito de batalhador e o meu coração de português.

Há tres longos anos que a sombra sinistra dos meus inimigos rondava a minha mansarda de trabalhador incansavel! Há três longos anos que a onda alterosa da inveja invadia meu pobre lar! Minha mulher e uma filha, de 12 anos, minadinhas pelo bacilo de Cok, vinham rezando, todos os dias, compridas promessas, não á Senhora dos Milagres, mas á Senhora da Justiça, para que iluminasse o esprito dos julgadores, de maneira a que eles, do alto da sua tribuna, podessem espargir, na hora propria, o ramo aurifulgente da absolvição, sobre a cabeça dum inocente. Mal tinham acabado de rezar suas longas orações, a Morte, implacavel e desumana, levou-as, mas abraçou-as depois de terem visto absolvido seu marido e seu pai! Pouco tempo viveram, depois que justiça nos foi feita!

E se não fôra a inolvidavel, a grande amizade de meu irmão Manuel, eu teria estado na cadeia 24 meses, esperando, ansioso, uma... absolvição!

Assim, estiveram no cativeiro, além dos 40 contos que meu irmão me emprestou, todas as economias que me foi possivel imobilisar.

Horas de ansiedade!

Dias torturantes de dôr e de sofrimento, e, até, — não é vergonha nenhuma! — de muitas lágrimas a mistura! Sentia-me indigno da sua amizade, Cónego Moisés Nora!

Hoje, reduzidos ás devidas proporções, os meus algôses sofrem e espiam, por seu turno, as dores que me fizeram suportar.

Revivi para o mundo. Continuarei, como sempre, a ser honrado.».

Almeida Júnior

* * *

E Moisés Nora, o grande padre, o virtuoso sacerdote, que, longe da Pátria, tem sabido respeitá-la e prestigiar o credo que o ilumina; o Cónego sublime que, ainda simples padre, eu ouvi, enlevado, em menino e moço, na Igreja da minha terra, aonde pontifica, hoje, um condiscipulo amigo e não menos bondoso e virtuoso: Moisés Nora, amigo sincero, responde, em 18 de Março do mesmo ano de 1932, de Mogy Mirim, nos seguintes termos, que, como se vê, são bem diferentes dos termos com que se nos dirige o médico da nossa terra:

«*Amigo Almeida Júnior:*

«Vejo o seu *autem gennit!* Almeida Junior classifica-o de vergonhoso e de terirvel: — e eu de heroico e de salutar. Vê se bem, nas suas amarguradas entrelinhas que é, sobre tudo, um homem de caracter!...

E, nos tempos de tanta crise, mas tempos em que nenhuma outra existe além da crise de caracter, um homem que lograr possuir caracter de rija tempera, é um homem feliz.

«Mando-lhe hoje várias leituras de trabalhos meus na *Boa Imprensa*. Não vão mais porque bastantes edições estão esgotadas. Mas por elas verá que a minha vida de lutador, parece-se bem com a sua. Patife que me caia nas unhas, a minha pena violenta, mas sem sair do caminho da verdade, esmaga, e assim tenho esmagado toda a malandragem que procura embaraçar a minha missão evangelisadora! — O meu livro *Rilhadas*, que deu éco em todo o Brasil, e o meu folheto *Facadistas*, que obrigou dois jornalistas carroceiros a retratarem-se em publico, são uma pequena amostra da minha vivacidade em defesa da Igreja, dos meus bispos e da... pele!...

«Agradeço a sua carta. A demora da resposta está eloquentemente justificada. Agora que o talentoso Almeida Junior havia fugido da Igreja Católica e para ela voltou, firme se na sua boa vontade e nos principios básicos de Religião do Amor, e vencerá!

«Tem talento, tem preparo, tem experiencia... nada mais precisa para tranquilidade da consciencia do homem de Bem! Tenho 62 anos. Estou no fim da carreira. Se agora fosse moço, eu saberia não lutar tanto neste mundo de ingratidões, onde o pago das nosas canseiras em prol dos outros só é: — invetivas dos parvos e os coices dos burros! Felicitações pelo triunfo da sua demanda. Mil abraços e agradecimentos pela sua atenciosa carta ao, etc.

(a) *Moysés Nora*»

Ultimando

Perdoem-nos os leitores a imodéstia da publicação dos termos imerecidamente elogiosos com que nos quiz distinguir o ilustre português, gloria da Igreja. Mas foi para não tirar o sentido á carta e para que se avalie bem